

## **CORPO, SAÚDE E NATUREZA EM ALGUNS TEXTOS MEDIEVAIS DOS SÉCULOS XII E XIII.**

CARLINDA MARIA FISCHER MATTOS - PPG-UFGRS

Alfonso X, o Sábio foi rei de Leão e Castela, durante o período de 1252 e 1284. Sua alcunha foi-lhe merecida não somente pela abrangência de seus conhecimentos, mas, sobretudo, por sua intensa atividade em promover traduções e elaborações de textos de história, legislação, poesia, astronomia, astrologia, fundar centros de estudo, revitalizar universidades – as de Salamanca, Valladolid e Sevilha.

Alfonso X insere-se numa trajetória e num contexto intelectual, que é o da Reconquista e de todo o universo mental que com ela se abre aos cristãos ocidentais. Em seu esforço contínuo de retomada do território ibérico, estes defrontaram-se com uma importante diferença cultural apresentada pelos muçulmanos. Os ocidentais, que até então conheciam apenas uma parcela muito restrita das obras dos antigos, viram-se diante das obras de Aristóteles em sua quase totalidade, as de Ptolomeu, Hipócrates, Arquimedes, Galeno, Dioscórides, Euclides e tantas outras, que haviam sido traduzidas do grego pelos árabes, comentadas por eles e acrescidas por suas contribuições. Um programa extenso de tradução para o latim e para línguas romances tomou corpo nos séculos XII e XIII, atraindo e reunindo, em diversos momentos, sábios de toda a Europa.

Ascendendo ao trono, Alfonso X dá grande impulso a esses trabalhos. A atividade é intensa. Dentre as inúmeras obras que manda traduzir, interessa-nos aqui, sobretudo, o *Libro de las Cruzes*, *Lapidario*, *Picatrix*, pelas concepções acerca de corpo e natureza neles presentes.

A medicina teve, como marcos fundantes, as teorias dos antigos: Hipócrates (460 – 375/351 a C.), Aristóteles (384 – 322 a C.), Dioscórides (40-90), Galeno (130 – 200).<sup>1</sup>

Os muçulmanos incorporaram-nas num conjunto mais amplo de saberes, dando origem a uma importante produção teórica e prática – avidamente apreendida pelos europeus.

Tais conceitos, que orientavam a organização desses saberes, repousavam, em grande parte, na concepção de que tudo o que existe é resultado da combinação de quatro elementos: fogo, ar, água, terra - expressão da combinação de qualidades intrínsecas – calor, frio, umidade, *secura*.

Sem poderem ser confundidos com os elementos terrestres e concretos que conhecemos na experiência cotidiana, tais componentes, sutis e qualificados por propriedades específicas, estariam presentes em diferentes proporções em todos os corpos sublunares, incluindo-se aí, os dos homens, os das plantas, os dos animais, bem como o do ar que respiramos, o da água que bebemos, o do fogo que nos aquece, o da terra que pisamos. Transformando-se continuamente uns nos outros, assinalam a mutabilidade a que estão sujeitos os seres e coisas por eles compostos.

Em cada ser humano, os quatro elementos sutis estão sempre presentes compondo, em diferentes proporções, os quatro fluidos orgânicos, denominados humores: o flegma, a bÍlis amarela, a bÍlis negra e o sangue. No flegma, o elemento água predominaria sobre os demais elementos e estaria associado ao cérebro; na bile amarela, o fogo seria predominante e seria produzida no fÍgado; na bile negra, o elemento terra existiria em maior quantidade e sua sede seria o baço; o sangue seria a combinação destes três primeiros e estaria associado ao fÍgado e às artÍrias que percorrem todo o organismo.<sup>2</sup> E, como que passando as fronteiras entre a vida do corpo e a psÍquica, a predominância de um dos humores na constituição do corpo dá origem a uma classificação dos tipos de indivíduos, envolvendo tanto a fisiologia como o temperamento: há, assim, o tipo sanguíneo, o fleumático, o colérico e o melancólico. Quando a proporção desses humores se altera, ocorre o desequilÍbrio, a doença, que produz a matéria mórbida – a qual deve ser expelida do corpo.

O que produz tal desequilíbrio? As alterações produzidas no próprio corpo, a força das paixões, as mudanças ocorridas fora do corpo – incluindo-se aí desde as modificações climáticas até o deslocamento dos corpos celestes.

A medicina, para Hipócrates, e depois a dos muçulmanos e, enfim, a dos cristãos da Idade Média, é, pois, a arte de identificar o que mantém, o que restaura, o que faz perder o equilíbrio de um organismo em particular. Contestando aqueles que a reduzem à ação dos quatro elementos em si mesmos, sem considerar a imensa variedade de qualidades a que dão origem suas combinações, Hipócrates abre o compasso de sua arte e faz do homem o lugar de encontro de todas as forças, o cadinho onde tudo se combina. Na anamnese tudo é levado em consideração, desde o alimento que o paciente ingere, ao lugar onde mora, à disposição dos astros no céu.

Em um pequeno tratado intitulado *Das Águas, dos Ares e dos Lugares*<sup>3</sup>, Hipócrates vai efetivamente considerar a diversidade das influências que se combinam na constituição dos povos: seu tipo físico, seu temperamento, as doenças a que estão pré-dispostos, as habilidades que o meio natural promove. Hipócrates considera a disposição das cidades segundo os ventos que ali sopram, as águas que as servem, os climas que as temperam, os impactos que as mudanças de estações imprimem, e a influência particular que exercem os planetas nas constelações.

Regiões de águas pantanosas e insalubres promovem a produção de bile e não estimulam a produção de flegma. Aqueles que bebem dessa água têm longos períodos de melancolia, ficam com ventres pesados, emaciados e quentes; suas carnes ficam flácidas.

Analisando os diferentes tipos de ventos, de águas, de climas, Hipócrates vai compondo a variedade de compleições humanas e as doenças que as atacam normalmente. Afinal, segundo o médico,

*“...quem quer que deseje investigar propriamente a medicina, deveria proceder assim: em primeiro lugar considerar as estações do ano, e que*

*efeitos cada uma delas produz, porque elas não se assemelham todas, mas diferem muito entre elas no que concerne a suas mudanças. Depois, os ventos, o quente e o frio, especialmente aqueles que são comuns a todos os países, e aqueles que são peculiares a cada localidade. Precisamos considerar as qualidades das águas, porque também elas diferem muito quanto a suas qualidades. Da mesma maneira, quando uma pessoa entra em uma cidade na qual é estrangeira, ela precisa considerar sua situação, como ela está disposta com respeito aos ventos e ao nascer do sol, porque sua influência não é a mesma quando ela está disposta para o norte ou para o sul, no nascer ou no pôr-se o sol. (...) e o modo como os habitantes vivem, e quais são seus objetivos, se eles bebem e comem em excesso, e dados à indolência, ou se são encontrados em exercício e trabalhando, e não dados a excessos no comer e no beber.”<sup>4</sup>*

E não é por acaso que temos, no *Libro de las Cruces*, livro de astrologia que reúne mais de 3500 prognósticos dedicados a um rei<sup>5</sup>, uma elaboração muito semelhante em seu sentido, e cuja tônica perpassa toda a obra - posto que as noções de corpo e doença que ali estão presentes, nutrem-se, na sua elaboração, das noções transmitidas pela tradição. Vejamos o excerto abaixo:

*“E geralmente achamos as diferenças entre uma gente e outra segundo as diferenças das terras em que moram, e segundo a temperança e a destemperança dos ares, e segundo o que recebe a terra e o ar das forças e dos feitos dos corpos celestiais, que segundo estas coisas, aparecem nas posturas e desposturas dos corpos dos homens em suas formas, e aparecem também as diferenças nos espíritos, e em seu entendimentos e em seus juízos e em suas obras e em seus feitos...”<sup>6</sup>*

Contudo, se as alterações climáticas e a ingestão de alimentos parecem explicar com certa clareza a alteração dos humores, o desequilíbrio provocado pelas paixões parece necessitar de alguns elementos explicativos. Como se dá essa alteração dos humores pelas emoções? Como se dá esse tráfico de influências entre corpo e alma?

Luiz Fernando Dias Duarte<sup>7</sup> desenvolvendo importantes estudos acerca da noção de “pessoa”, questiona a percepção de uma “naturalidade” das experiências de dor e sofrimento, bem como a noção de corpo como um organismo “natural”. Longe de ser um dado objetivo, nossa compreensão acerca do corpo é uma construção cultural e está informada por uma noção de “pessoa” que lhe é subjacente.

Nas sociedades contemporâneas ocidentais, “pessoa” é sinônimo de um indivíduo que tem um corpo. Este é o suporte de uma manifestação particular. Tal concepção fundamenta-se numa dicotomia radical entre corpo e mente inaugurada na modernidade, e que constitui o nexo de uma série de características e processos que configuram o individualismo. No entanto, indivíduo é uma forma de ser “pessoa”. E, numa sociedade individualista, pessoa é um ser autônomo, singularizado, interiorizado, possuindo um corpo “naturalizado”, cuja manipulação requer um conhecimento objetivo, científico, e que o toma como um dado universal: seja qual for a sociedade em que se situe o ser humano, ele é anatômica e fisiologicamente idêntico. O corpo passa a ser um campo de doenças reificadas, categorizadas e medicalizadas. Em contrapartida, psicologizando o sujeito, a psicanálise elege um domínio prioritário (com respeito à divisão corpo e alma) e específico para as perturbações emocionais, ou seja, a mente, qualificando categorias como a depressão, a neurose, a ansiedade como doenças em si mesmas, igualmente universais e identificáveis em qualquer tempo e lugar.

Estamos, portanto, muito longe da noção de corpo – e de pessoa - de que se valem as medicinas antiga e medieval. Estas, longe de postularem a supressão da dicotomia corpo/alma, entendem os humores como articuladores de uma série de fenômenos, tanto de ordem física como os de ordem moral – termo esse que inclui qualidades como vontade, obrigação, juízo, honra. Chamar o plano moral de psíquico<sup>8</sup> é atribuir-lhe uma conotação que só pode ser entendida num universo cultural individualista. O emprego da palavra moral, neste caso, aponta para outras concepções – relacional,

posto que diz respeito a valores socialmente ancorados, e holista, na medida em que só ganha sentido em meio a articulação de uma miríade de planos que se cruzam. Há uma constituição física, uma materialidade; em contrapartida, há um plano onde fenômenos muito abrangentes, de ordem relacional, ganham seu sentido. Os humores são o fiel do que acontece em ambos os pólos, o físico e o moral, operando por meio das semelhanças e oposições, das atrações e repulsões que, dessa forma, comunicam virtudes, modelam as formas, tornando semelhantes os dissemelhantes. Por meio de um fluxo contínuo que relaciona todas as coisas, comunicam-se propriedades, vícios, doenças, alteram-se convivalidades e temperamentos, estando o homem no nexo de todas as comunicações. Por ele passam todos os fios que amarram o mundo, da terra ao céu.

E não é outra, supomos, a concepção das relações entre corpo e natureza, presentes tanto no *Lapidário* quanto no *Picatrix*, ambas as obras traduzidas na corte de Alfonso X. O primeiro (de autoria e datas incertas) é um livro que reúne as características de 301 pedras<sup>9</sup>, descrevendo suas características físicas, suas virtudes mágicas, suas aplicações nas curas das doenças dos corpos, suas combinações com plantas e animais. O princípio que orienta o estabelecimento dos nexos entre os seres e coisas está mencionado logo no Prólogo:

*“Aristóteles (...). disse que todas as coisas que estão sob os céus se movem e se endereçam pelo movimento dos corpos celestiais, pela virtude que têm deles, segundo ordenou Deus, (...); mostrou que todas as coisas do mundo estão como que amarradas e recebem virtude umas das outras, as mais vis das mais nobres, e que esta virtude aparece em umas mais manifestamente, como nos animais e nas plantas, e em outras, mais escondida, como nas pedras e nos metais. (...).*

*Os que escreveram acerca das pedras, assim como Aristóteles (...), disseram acerca de cada uma que cor têm, que tamanho e que virtude possuem, em que lugar são encontradas; (...). Mas entre aqueles, houve alguns que se colocaram a saber mais, e pensaram que não lhes bastava*

*conhecer sua cor, seu tamanho e sua virtude, se não conhecessem quais eram os corpos celestiais com que tinham atamento e dos quais recebiam sua virtude (...).<sup>10</sup>*

O corpo é visto então, como um campo particular de ação de influências que se cruzam. Um tal conjunto de influências particularizam cada ser – sem que, com isso, haja a configuração de uma identidade do indivíduo, entendido este como suporte de uma interioridade singular. Antes, pelo contrário, o corpo, o ser que ele constitui, longe de ser um espaço fechado e estritamente delimitado, é poroso, permeável, e se define precisamente no horizonte formado pela multiplicidade de nexos que o perpassam – a começar pelas conjunções dos astros, passando pelo clima, pelos laços que nos unem aos animais, às plantas e às pedras.

E, tanto as práticas de cura como as artes mágicas adotam tal perspectiva na fundamentação de seu saber. No *Picatrix*, uma das tantas obras que Alfonso X manda traduzir do árabe para o castelhano medieval, seu autor, (pseudo) Mulasma, o Madrileno (século XI/XII), ensinando a arte de fabricar talismãs, fala da importância e o modo de tornar-se simpático ao influxo dos astros cujos favores se quer alcançar:

*“Quanto ao modo de captar a espiritualidade, aquele que a quer captar deve conhecer a natureza do astro (...), deve saber que tal natureza possui cor, sabor e perfume, e [deve] vestir seu corpo com tal cor e perfumar-se com tal odor e ajustar o interior de si mesmo à natureza e ao sabor [daquele] - o que conseguirá com determinados alimentos e comendo mais que antes (...). Há que seguir com isto até que o estômago receba esse alimento sem apetecer nenhum outro. Então, observa quando o astro alcança sua posição forte na esfera zodiacal (...). Depois, como conheces os corpos minerais que a ele correspondem, fabrica com algum deles uma cruz oca segundo a proporção observada. (...)Então, incensarás [o local] com mesclas da mesma natureza do astro [através da cruz oca de pedra]. (...)e quando o tiveres realizado, o talismã estará em contato com a porção*

*do astro e com todas as linhas que saem dele (...). E assim o inferior terá entrado em contato com o superior e ...o superior estará em contato com o inferior: a correspondência é perfeita e haverá recepção e proveito.”<sup>11</sup>*

Assim, aqui, como nos outros textos mencionados, o corpo guarda uma relação de continuidade com o entorno natural, em suas condições específicas. Ele é formado pelos mesmos elementos naturais presentes em todos os outros seres que habitam o mundo sub-lunar. Ainda que brindado por uma composição divina, o homem situa-se na imbricação de múltiplas e intermináveis relações sendo, por isso, afetado profundamente por todas as modificações que ocorrem ao seu redor. Se na concepção moderna o corpo é visto de forma universal, enquanto a mente se constitui no elemento diferenciador dos seres humanos, na Idade Média cada corpo é marcado singularmente por tantos e infindáveis influxos, constituindo, cada um, um elo e um nexos articulador da vida em sua inexaurível diversidade.

---

<sup>1</sup> Conf. BOURGEY, Louis. A medicina grega desde as origens até o fim da época clássica. In: TATON, R. (org.). *História geral das ciências...* Op. cit, t.1, v.2, p.73-94.

<sup>2</sup> JACQUART, D.; THOMASSET, C. *Sexualité et savoir medical au moyen âge*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985. p. 67 - 73 ; BEAUJEU, Jean. A medicina. In: TATON, R. (org.). *História geral das ciências...* Op. cit...t.1, v.2, p 178-179, 190-192.

<sup>3</sup> ON AIRS, waters and places. In: *Hippocratic Writings*. Trad. Francis Adams Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1952, v. 10, p 9-19.

<sup>4</sup> Idem, ibidem, § 1, p 9

<sup>5</sup> obra datada do fim do século XI, escrito por Oveydalla e traduzido na corte de Alfonso X

<sup>6</sup> ALFONSO X. *Libro de las Cruces*. Edição de Lloyd A Kasten; Lawrence B. Kiddle. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto Miguel de Cervantes, 1961, L.C., cap. I, p.9.

<sup>7</sup> DUARTE, L. F. A outra saúde mental, psicossocial, físico-moral? In: ALVES, P. C. e MINAYO, M. C.S. (org.) *Saúde e doença. Um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1994. p 83-89; Pessoa e dor no ocidente.(O “holismo” metodológico na antropologia da saúde e da doença). *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, n.9, ano 4, p 13-28, 1996.

<sup>8</sup> Ainda aqui, idéia desenvolvida por Luis Fernando Dias Duarte nas obras supracitadas.

<sup>9</sup> Deveriam ser 360, uma para cada grau do zodíaco, mas as folhas que as continham foram perdidas.

<sup>10</sup> ALFONSO X. *Lapidário*. 2 ed. Texto integral em versão de Maria Brey Mariño. Madrid: Editorial Castalia, 1997. p 13.

<sup>11</sup> (Pseudo) Malasma, o Madrileno. *Picatrix.O fin del sabio y el mejor de los dos medios para avanzar*. Trad. Marcelino Villegas. Madrid: Editora Nacional. 1982, pp 217-218.